

JÚLIO **POMAR** RUI **CHAFES** DESENHAR **2015**

Curadoria **Sara Antónia Matos**



O Atelier-Museu Júlio Pomar inaugura, com a presente exposição, um ciclo anual de encontros entre a obra de Pomar e a de outros artistas. Para esta primeira mostra, foi convidado o escultor Rui Chafes, nascido em 1966 e com obra essencialmente constituída por esculturas em ferro. Nesta apresentação, os dois autores aproximam-se por três vias: **a via temática, a via dinâmica e a via do desenho**

A via do desenho

Sendo Júlio Pomar essencialmente um pintor, a prática do desenho é, no seu percurso, uma constante. O artista chega mesmo a afirmar não haver, para ele, descontinuidade entre desenhar e pintar.¹ Na obra de Rui Chafes, as esculturas em ferro – material que elegeu desde o início do seu percurso – são construídas maioritariamente com “linhas” (barras de ferro, cabos de suspensão), formando superfícies e volumes que se afirmam como desenhos no espaço.

O Desenho tem sido tradicionalmente entendido como um conjunto de elementos visuais - pontos, linhas e manchas - sugerindo texturas, volumes, atmosferas... Como podemos entender o desenho para além da sua aceção mais comum? Pode uma nuvem ser um desenho? E um fio de cabelo? E uma folha a ser levada pelo vento? Pode um desenho ser feito com paus e pedras? Com doce de laranja? Com água?

Desenhar é expressar ideias visualmente, projectar algo a realizar no futuro, registar o mundo através da observação... entre muitas outras coisas. Ao longo do seu percurso por esta exposição, aperceba-se das diferentes motivações aqui presentes que conduziram os dois artistas ao acto de desenhar.

A via dinâmica

Na obra de Júlio Pomar, a representação do movimento está presente nos personagens e no seu contexto (recorde-se o célebre *Gadanheiro* (1945), da Colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, ou o *Dom Quixote e os Carneiros* (1963), da colecção do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian), mas também na escolha dos enquadramentos, de inspiração cinematográfica (muito evidentes na fase neo-realista) e, finalmente, nas decisões, seguramente intuitivas, que o levam a transitar entre os diversos meios artísticos e as diversas peças em progresso, no seu atelier.

Na obra de Rui Chafes, pode dizer-se que a representação do movimento é rara. Recorde-se, como exemplo da quietude que caracteriza o seu trabalho, as peças da série *Pálpebra* (1994-1995) – apresentadas no Centro de Arte Moderna da FCG em 1995 – ou a peça *Crianças e Flores* (1995), esta última exposta no Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado. Trata-se, em ambos os casos, de peças suspensas (tal como a que agora se mostra) mas em que a simetria e a verticalidade se impõem. No contexto desta exposição, a obra *As Tuas Mãos* (com uma montagem criada especificamente para o espaço do Atelier-Museu) possui uma qualidade dinâmica, menos habitual no trabalho do artista.

A via temática

Um ponto de contacto evidente, entre a obra de Pomar e Chafes, é o corpo. E, associada a este, uma constelação de acontecimentos, que vão desde o encontro erótico à contemplação silenciosa da morte. Sempre, em ambos, o mistério do desejo: celebrado e consumado na obra de Pomar; mantido em suspenso, à guarda de uma distância vital, nos trabalhos de Rui Chafes.

Assim, o escultor considera que as obras não se tocam com as mãos. Tudo se percorre com o olhar. Indo ao encontro desta ideia, a curadora da exposição corrobora que o desejo morre no momento exacto da sua satisfação.



¹ “Talvez o mais correcto seja dizer que desenho enquanto faço pintura e enquanto pinto também desenho.” In *O Artista Fala... Conversas com Sara Antónia Matos e Pedro Faro*, Cadernos do Atelier-Museu Júlio Pomar – Documenta, Lisboa: 2014, p. 82.

Ao observar as diferentes obras desta exposição, tome nota das suas sensações. Experimente passar algum tempo, simplesmente, a sentir. Aperceba-se do impacto que as linhas, as cores, as texturas e as formas produzem em si e registe. Repare nas relações entre elas. O que é que vê? E o que é que lhe permite ver o que vê? Depois dessa experiência, leia então os títulos das obras, nas tabelas que se encontram nas paredes, e este texto. Existe alguma correspondência entre o que lê e a sua própria interpretação?

1. Rui Chafes

As tuas mãos

1998-2013

Ferro

Medidas variáveis

Colecção do autor

A instalação *As Tuas Mãos* foi mostrada, pela primeira vez, em 2013, na Alemanha, obedecendo a uma montagem diferente da adoptada para o espaço do Atelier-Museu. As formas ondulantes em chapa de ferro, pintado de negro, sugerem o movimento de mãos que afagam e percorrem um corpo, mas também a leveza das algas e dos animais marinhos. As anilhas que se encontram nas extremidades, e que também ligam os vários elementos entre si, aludem a gargantilhas, coleiras, algemas, remetendo para o acto, violento e repressor, de agrilhoar ou prender.

Júlio Pomar

Étreinte [Abraço]

1976-1979

Materiais diversos

75 x 109 cm

Os desenhos de *Étreinte* foram realizados com o objectivo de ilustrar o livro *Corpo Verde* (1979), de Maria Velho da Costa. A série acabaria por se desenvolver para além do seu propósito inicial, dando origem a cerca de 40 peças. A selecção que aqui se apresenta é sugestiva do universo erótico da

autora, mas também do próprio Júlio Pomar, que o manifesta igualmente noutras séries de trabalhos. O pendor abstracto destes desenhos aproxima-os muito das formas esculpidas, lineares, de Rui Chafes.

2. Júlio Pomar

Estudo, sem título

sem data

Lápis sobre papel timbrado

26,5 x 20,6 cm

Este é um estudo isolado, no percurso de Júlio Pomar. De acordo com Sara Matos, curadora da exposição, não parece haver outros desenhos com estas características, no espólio do artista. Desconhece-se igualmente o contexto em que terá sido feito, excepto o facto de ter como suporte o papel timbrado com o endereço do atelier do pintor nos anos 50, localizado na Praça da Alegria, nº 47, em Lisboa.

Este desenho permite estabelecer uma relação de surpreendente afinidade com os do escultor (realizados na década de 80). Com efeito, tal como este, os desenhos que Rui Chafes fez nessa altura remetem para fragmentos vegetais que também se podem relacionar com (ou fazer lembrar) formas antropomórficas. O desenho de Júlio Pomar que aqui se apresenta, de uma ambiguidade rara, sugere uma planta morta ou, porventura, em decomposição.

3. Júlio Pomar

Estudos de Nu, Caderno de Estudos de Nu

sem data

Marcador e tinta-da-china sobre papel

39,5 x 27 cm, 27 x 39,5 cm

É hábito dos pintores exercitarem a observação da forma viva, em movimento ou em pose, recorrendo a modelos. Estes *Estudos de Nu* (muito provavelmente executados na década de 1960) são reveladores do espírito inquieto de Pomar que, não satisfeito com as suas conquistas no universo da abstracção (a que se havia dedicado anteriormente), mantém a prática do desenho de observação como forma de contacto com a figura humana. Note-se o carácter abstracto das linhas ondulantes (descrevendo as sinuosidades do corpo feminino) que ressoam com as várias obras em ferro, aqui apresentadas, de Rui Chafes.

4. Júlio Pomar

Estudos, Mãos

1953

Caneta sobre papel

22 x 35 cm

Na década de 1950, Júlio Pomar encontra-se desenvolvendo uma série de obras de carácter neo-realista. Como é característico neste período, a figura humana é frequente e, talvez como ensaio para o gesto específico de um

personagem, Pomar tenha feito estes estudos detalhados de mãos. É possível dizer ainda que, para o pintor, a mão é um instrumento de trabalho primordial, o que adquire ainda mais relevo quando se tem em conta a dimensão táctil e sensitiva da sua obra, aspecto também abordado nesta exposição.

Rui Chafes

O corpo não entra

1989

Fimo

Medidas variáveis

Colecção do autor

As peças de *O Corpo Não Entra* foram realizadas com “Fimo”, uma pasta moldável, colorida, que endurece e coze no forno, como a cerâmica. Lembram formas marinhas, pequenos animais invertebrados ou órgãos humanos, íntimos, de mulher. As formas lineares (pequenos tentáculos, cabelos) reforçam o aspecto “desenhado” destas esculturas, que cabem na palma da mão.

5. Júlio Pomar

Sem título

(Desenhos do Caderno de Figueiras)

sem data (década de 1960)

Tinta permanente

20 x 25,5 cm

Se não se conhecesse o título desta série, dir-se-ia que são “desenhos do vento”, afirmou

a curadora da exposição. Mas, apesar do seu carácter aparentemente abstracto, sabe-se que o artista os realizou no Algarve numa casa em frente da qual havia uma figueira. Fez ainda uma pintura com o mesmo tema, hoje pertencente à colecção do Diário de Notícias. O conjunto tem merecido a atenção e o interesse de diversos curadores, tendo integrado outras exposições do Atelier-Museu. Linhas e manchas, sem preocupação descritiva, revelam o processo de investigação de quem se propõe desenhar. O real, em todos os seus aspectos, não pode ser senão sugerido.

6. Rui Chafes

Penugem

2015

Ferro

Medidas variáveis

Colecção do autor

Embora a obra *Penugem* tenha sido concebida e realizada especificamente para esta exposição, existe uma peça anterior de Rui Chafes, intitulada *O teu coração está a dormir, não o acordes demasiado cedo* (2008), que parece poder relacionar-se directamente com esta instalação. Essa escultura e um desenho (do ano seguinte) que a permite interpretar, foram mostrados na exposição *Khora* (Fundação Carmona e Costa, 2010). Aqui, as dezassete peças apresentadas constituem uma homenagem a doze mulheres que, tal como se pode depreender

pelo título – *Penugem* – não perderam a candura natural da criança que nelas habita. Tendo em conta o desenho acima mencionado, onde a escultura aparece acoplada ao corpo, pode deduzir-se que foram delineadas a partir do perfil frontal de cada mulher, entre o pescoço (a “gargantilha”) e a base do tronco (também um círculo, de menor diâmetro). No conjunto, alguns dos perfis aparecem mais do que uma vez. A sua colocação contra uma parede de cor diferente do branco (o azul que aqui se vê parece ser uma cor com que o artista estabelece afinidades, tendo sido o próprio a escolhê-la) permite eliminar quase totalmente a projecção de sombras. As esculturas assumem-se, assim, mais como desenhos do que como formas tridimensionais. Apesar da eventual remissão para um contexto museológico, caracterizado pela apresentação de obras em série (obediente a um sistema classificatório), para Pedro Faro, a opção por esta montagem faz eco inevitável da violência presente noutras obras da História da Arte Ocidental, onde os personagens são confrontados com o poder, tendo atrás de si uma parede. *El tres de Mayo de 1808*, de Francisco de Goya (1814), é, de todas essas obras, a mais notável e evidente.





Pompe 79

This Atelier-Museu Júlio Pomar exhibition marks the start of an annual cycle of connections between the work of Pomar and other artists. For this first edition, the sculptor Rui Chafes was invited. Born in 1966, his work is primarily composed of iron sculptures.

In this exhibition, the two artists come together along three different paths:
theme, dynamism, and drawing

The drawing path

Even though Júlio Pomar is essentially a painter, drawing has been a constant throughout his career. The artist himself has said that for him there is no discontinuity between drawing and painting. In Rui Chafes's work, sculptures made from iron – his medium of choice throughout his career – are largely comprised of “lines” (iron bars, suspension cables), forming surfaces and volumes that become drawings within the space.

The dynamic path

In Júlio Pomar's work, the representation of movement can be seen in the figures and their context (as with the famous *Gadanhêiro* (*Harvester with Scythe*) (1945), which forms part of the collection at the Museu Nacional de Arte Contemporânea in Chiado, and *Dom Quixote e os Carneiros* (*Don Quixote and the Rams*) (1963), part of the Gulbenkian Foundation's Modern Art Centre collection), but also in the choice of the framing of his paintings, inspired by cinema (particularly clear during his neo-realist period) and, finally, the doubtless intuitive decisions that lead him to switch between various artistic media and several pieces simultaneously in progress in his workshop.

In Rui Chafes's work, it would be fair to say that the representation of movement is rare. Examples of the stillness that characterises his work are the pieces in the series *Pálpebra* (*Eyelid*) (1994-1995) – exhibited at the Calouste Gulbenkian Foundation's Modern Art Centre

in 1995 – or the work entitled *Crianças e Flores* (*Children and Flowers*) (1995), which was exhibited at the Museu Nacional de Arte Contemporânea in Chiado. Both pieces are suspended (as is the case with the work shown in this exhibition) but have an imposing symmetry and verticality. Within the context of this exhibition, the work *As Tuas Mãos* (*Your Hands*) (which was specially assembled for the specific space of the Atelier-Museu) has a dynamic quality, which is less characteristic of the artist's work.

The thematic path

An obvious common theme in the work of Pomar and Chafes is the body. And, along the same line, a series of associated concerns – from erotic contact to the silent contemplation of death. The ever-present mystery of desire is present in both: sated and consummated in Pomar's work, unsatisfied and maintained at a distance in that of Rui Chafes. Chafes considers that works are not to be touched with the hands. They are to be felt by the eye. In response to this idea, the exhibition curator Sara Antónia Matos endorses the notion that desire is extinguished at the exact moment it is satisfied.

¹ “Perhaps it would be most accurate to say that I’m drawing when I paint and when I paint I also draw.” In *O Artista Fala... Conversas com Sara Antónia Matos e Pedro Faro*, (*The Artist Speaks... Conversations with Sara Antónia Matos and Pedro Faro*) Atelier-Museu Júlio Pomar Notebooks – Documenta, Lisbon: 2014, p. 82.

While watching the different works in this exhibition, take note of what you feel. Spend some time just feeling. Notice the impact that the lines, colours, textures and shapes have on you and record it. Notice the relations that arise. What do you see?

What allows you to see what you see?

After this experience, read the titles of the works written on the captions on the walls, and read this text. Is there any correspondence between what you read and your own interpretation?

1. Rui Chafes

Your Hands

1998-2013

Iron

Variable dimensions

Author's collection

The installation *As Tuas Mãos* was first exhibited in Germany in 2013, although in a different configuration to that adopted for the Atelier-Museu space.

The undulating iron forms, painted black, evoke the movement of hands as they caress a body, as well as the weightlessness of marine flora and fauna.

The rings at the ends, which also link the various elements together, allude to chokers, collars, and handcuffs, a reference to the violent and repressive act of shackling and imprisoning.

Júlio Pomar

Étreinte [Embrace]

1976-1979

Mixed media

75 x 109 cm

The *Étreinte* drawings were created as illustrations for the book *Corpo Verde (Green Body)* (1979), by Maria Velho da Costa. The series ultimately exceeded its initial purpose and gave rise to almost 40 works.

The selection exhibited here is suggestive of

the writer's erotic universe, but also that of Júlio Pomar, which are manifest in various other series of works.

The abstract nature of these drawings bears a close resemblance to Rui Chafes's sculpted, linear forms.

2. Júlio Pomar

Study

Untitled, Undated

Pencil on letterhead paper

26,5 x 20,6 cm

This is an isolated exploration in Júlio Pomar's career. According to Sara Antónia Matos, the exhibition curator, there seem not to be any other drawings with these characteristics in the artist's body of work. The context in which it was created is also unknown, other than the fact that the letterhead paper medium bears the address of the painter's studio during the 1950s - Praça da Alegria, nº. 47, Lisbon.

This drawing allows astonishingly close comparisons to be made with those by Chafes (which are from the 1980s). Indeed, as with this one, Rui Chafes's drawings during that period make references to plant fragments which could also be related to (or evoke) anthropomorphic forms. The Júlio Pomar drawing presented here, which is uncommonly ambiguous, is suggestive of a dead, or perhaps decaying, plant.

3. Júlio Pomar

Nude studies,

Notebook with studies for Nude

Undated

Marker and India ink on paper

39,5 x 27 cm, 27 x 39,5 cm

Painters usually practise observing the living form, in motion or in pose, by using models. These *Nude Studies* (almost certainly dating from the 1960s) reveal Pomar's restless spirit, not sated by his achievements in the realm of abstraction (to which he had previously been dedicated), continues the practice of observational drawing as a form of making contact with the human figure. Note the abstract nature of the undulating lines (tracing the sinuosity of the female body), which resonate with the various Rui Chafes iron works exhibited here.

4. Júlio Pomar

Studies, Hands

1953

Pen on paper

22 x 35 cm

In the 1950s, Júlio Pomar was involved in creating a series of neo-realist works. As is characteristic of this period, the human figure appears frequently and, perhaps, Pomar carried out these detailed studies of hands as a trial for the specific gesture of a figure. One could even say that, for Pomar,

the hand is a primordial working tool that attains even more relevance when considering the tactile and sensitive dimension of his work, an aspect that is broached in this exhibition.

Rui Chafes

The Body Does Not Fit In

1989

Fimo

Variable dimensions

Author's collection

The *O Corpo Não Entra* pieces were made using "Fimo", a malleable coloured clay that hardens when fired, like ceramic. They recall marine forms, small invertebrates and human female sex organs. The linear forms (small tentacles, hair) reinforce the "drawn" aspect of these sculptures, which fit in the palm of the hand.

5. Júlio Pomar

Untitled (Drawings from Fig tree notebook)

undated (1960's)

Permanent ink

20 x 25,5 cm

According to the exhibition curator, if you did not know the title of this series, you would guess it to be "wind drawings". Yet despite its apparently abstract nature, the artist is known to have created the work in the Algarve at a house with a fig tree opposite. He also created a painting along the same

theme, which now forms part of the Diário de Notícias collection.

The series has merited attention and interest from numerous curators, and was included in other exhibitions held at the Atelier-Museu. Lines and coloured surfaces, with no descriptive concern, reveal the experimentation process of a person preparing to draw. Reality, in all its aspects, cannot be but suggested.

6. Rui Chafes

Down

2015

Iron

Variable dimensions

Author's collection

Although the work *Penugem* was designed and created specifically for this exhibition, there is an earlier Rui Chafes piece entitled *O teu coração está a dormir, não o acordes demasiado cedo* (*Your heart is sleeping, do not wake it too early*) (2008), which appears to be directly related to this installation. That sculpture, and a drawing (from the following year) that allows it to be interpreted, were presented at the exhibition *Khora* (Fundação Carmona e Costa, 2010).

The seventeen pieces exhibited here are a tribute to twelve women who, as can be gathered from the title - *Penugem* (*Down*) - have not lost the natural candour of their inner child. Considering the above-mentioned drawing, where the sculpture seems connected with the body, one can deduce that the

outlines were created from the front profile of each woman, between the neck (the "collar") and the base of the trunk (also a circle, smaller in diameter).

Some of the profiles appear more than once. Their placement against a non-white wall (the blue seen here seems to be a colour favoured by the artist, who chose it himself) allows shadows to be almost totally eliminated. As a result, the sculptures appear more like drawings than three-dimensional forms. Besides the likely reference to a museum context, characterised by the presentation of the works in a series (obeying a classification system), for Pedro Faro, an art critic and historian, this choice of assembly inevitably echoes the violence present in other works of Western Art History, where the protagonists are confronted by power and have a wall behind them. *El tres de Mayo de 1808* (*The Third of May 1808*) by Francisco de Goya (1814), is the most notable and obvious example of this type of work.



ATELIER MUSEU
JÚLIO POMAR

Directora/Curadora
[Director/Curator](#)
Sara Antónia Matos

Adjunta de Direcção
[Management Assistant](#)
Graça Rodrigues

Conservação e Produção
[Conservation and Production](#)
Sara Antónia Matos
Graça Rodrigues
Pedro Faro

Comunicação
[Communication](#)
Graça Rodrigues

Assessoria de Imprensa
[Press office](#)
Pedro Faro

Investigação
[Research](#)
Sara Antónia Matos
Pedro Faro

Coordenação Editorial
[Editorial Coordination](#)
Sara Antónia Matos

Visitas Guiadas
[Guided tours](#)
Ana Gonçalves
Teresa Cardoso

Serviços Administrativos
[Administrative Services](#)
Isabel Marques
Teresa Cardoso

Design do site
[Web design](#)
Sara Aragão Antunes
Ricardo Maia Pestana

PUBLICAÇÃO
[PUBLICATION](#)

Coodenação
[Coordination](#)
Graça Rodrigues

Design Gráfico
[Graphic Design](#)
Tempora Design

Texto
[Text](#)
Ana Gonçalves

Tradução
[Translation](#)
KennisTranslations

Fotografias
[Photographs](#)
© António Jorge Silva / AMJP 2015

Impressão
[Printing](#)
Gráfica Maiadouro, Sa

Tiragem
[Print Run](#)
500

2016